

## ENEIDA, UMA MULHER DE RESISTÊNCIA

José Guilherme de Oliveira Castro<sup>1</sup>

Mirna Lúcia Araújo de Moraes<sup>2</sup>

Em 1936, numa época de violências revoltantes e de um regime deprimente de horrores, Eneida sofreu a sua segunda prisão política. Passou um ano e seis meses na Casa de Detenção. Lá, em companhia de outros intelectuais presos, liderou greves contra maus tratos, no pavilhão feminino e dedicou-se à literatura moderna. (VELOSO LEÃO, 1973)

**Resumo:** O presente artigo visa a um encontro com a escritora, jornalista e produtora cultural paraense Eneida de Moraes em movimento pelo século XX e, interligada aos movimentos de transformação econômica, social, política, cultural do Brasil. E mais, destaca e coloca em circulação as atitudes vanguardistas dessa mulher que se afirmou num processo de rupturas com a tradição de sua época, documentou com sua escrita narrativas históricas e fez dela uma estratégia de resistência, por meio de uma literatura de teor testemunhal; logo, para discutir o testemunho pujante no texto da cronista buscou-se o apoio de alguns teóricos, como: Salgueiro (2011), Bosi (2002), Sarmiento/Pantoja (2014), para evidenciar um estilo que aproxima o leitor de fatos ocorridos num determinado espaço e tempo no Brasil República ao comunicar acontecimentos enunciadores da memória nacional, ao mesmo tempo que reflete a sua personalidade combatente. Esse ativismo feminista assumido com responsabilidade permitiu, também, a escuta de vozes sociais silenciadas e ignoradas por discursos patriarcalistas hierarquizantes. Para tanto utilizou-se do método qualitativo com ênfase no discurso para analisar a realidade social e a dinâmica das relações de poder presentes nas narrativas e o cenário de opressão feminina. Como resultado observou-se o investimento político durante todo o século passado e ainda necessário no século XXI como manutenção das lutas das mulheres como sujeitos de direitos, para assegurar seu pertencimento social, suas escolhas identitárias, seu lugar de fala com escuta. Verificou-se também que, a escrita feminina, em épocas anteriores foi ignorada, mas nunca ausente.

**Palavras-chave:** Eneida de Moraes. Resistência; Mulher; Testemunho. Patriarcalismo.

### ENEIDA, A WOMAN OF RESISTANCE

**Abstract:** This article aims at a meeting with the writer, journalist and cultural producer from Pará Eneida de Moraes in movement through the 20th century and, interconnected with the movements of economic, social, political, cultural transformation in Brazil. Moreover, it highlights and puts into circulation the avant-garde attitudes of this woman who asserted herself in a process of ruptures with the tradition of her time, documented historical narratives with her writing and made it a resistance strategy, through a testimonial literature; therefore, to discuss the strong testimony in the chronicler's text, support was sought from some theorists, such as: Salgueiro (2011), Bosi (2002), Sarmiento/Pantoja (2014), to highlight a style that brings the reader closer to facts that occurred in a certain space and time in Brazil Republic by communicating events enunciating the national memory, at the same time that it reflects its fighting personality. This responsibly assumed feminist activism also allowed listening to social voices silenced and ignored by hierarchical patriarchal discourses. For that, a qualitative method was used with emphasis on discourse to analyze the social reality and the dynamics of power relations present in the narratives and the scenario of female oppression. As a result, political investment was observed throughout the last century and still necessary in the 21st century as maintenance of women's struggles as subjects of rights, to ensure their social belonging, their identity choices, their place of speech with listening. It was also verified that, in previous times, female writing was ignored, but never absent.

**Keywords:** Eneida de Moraes. Resistance; Women; Testimony. Patriarchy.

### ENEIDA, UNA MUJER DE RESISTENCIA

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo un encuentro con la escritora, periodista y productora cultural paraense Eneida de Moraes en movimiento a lo largo del siglo XX e interconectada con los movimientos de transformación económica, social, política y cultural en Brasil. Además, destaca y pone en circulación las actitudes vanguardistas de esta mujer que se afirmó en un proceso de ruptura con la tradición de su tiempo, documentó narrativas históricas con su escritura y la convirtió en una estrategia de resistencia, a través de una literatura testimonial; por lo tanto, para discutir el fuerte testimonio en el texto del cronista, se buscó el apoyo de algunos teóricos, como: Salgueiro (2011), Bosi (2002), Sarmiento/Pantoja (2014), para resaltar un estilo que acerque al lector a los hechos que ocurrió en un determinado espacio y tiempo en la República de Brasil al comunicar hechos que enunciaban la memoria nacional, al mismo tiempo que reflejaba su personalidad luchadora. Este activismo feminista responsablemente asumido también permitió escuchar voces sociales silenciadas e ignoradas por los discursos patriarcales jerárquicos. Para ello, se utilizó un método cualitativo con énfasis en el discurso para analizar la realidad social y la dinámica de las relaciones de poder presentes en las narrativas y el escenario de la opresión femenina. Como resultado, la inversión política se observó a lo largo del siglo pasado y sigue siendo necesaria en el siglo XXI como mantenimiento de las luchas de las mujeres como sujetos de derechos, para asegurar su pertenencia social, sus opciones identitarias, su lugar de palabra con escucha. También se constató que, en épocas anteriores, la escritura femenina fue ignorada, pero nunca ausente.

**Palabras clave:** Eneida de Moraes. Resistencia; Mujeres; Un testimonio. Patriarcado

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela UFFA. Bacharel em Psicologia pela UFFA. Psicólogo pela UFFA. Mestre em Teoria Literária pela PUC-RS. Doutor em Letras pela PUCRS.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>

E-mail: [jgpsico.letras@gmail.com](mailto:jgpsico.letras@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- UNAMA). Especialista em Literatura Brasileira (PUC-Minas). Especialista em Direitos humanos (FIBRA). Professora e Mediadora de Sala de Leitura-SEDUC-Pa. Membro do grupo de pesquisa MALALAS (ILC/UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa GITA (PPGCLC- UNAMA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0972-0146>

E-mail: [mguapindaia.mm@gmail.com](mailto:mguapindaia.mm@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

A busca por autonomia em meio a um tecido social opressor constituía-se como defeito de personalidade para uma mulher nascida em uma família de posses. Além de arranhar, ou mesmo, constranger com seu desejo de independência e de emancipação a concepção política- social de uma época dominada por masculinidades tóxicas. Por outro lado, para uma mulher nascida no início do século XX, rebelar-se contra o pátrio poder, configuraria mais tarde na possibilidade de outras perspectivas culturais e de novas interpretações sobre a condição feminina, bem como em quebra de paradigmas dos processos discriminatórios presentes na vida em sociedade.

Esses fatores imbricados ao estilo de escrita de Eneida de Moraes, constituído de escrevivências, costuradas pelo testemunho, desafiou e perturbou a linha de pensamento adotada pelos setores conservadores da época, juízes das produções literárias, elementos que provavelmente justificam a ausência dos textos da escritora nas matrizes curriculares, bem como das listas de livros didáticos. Afinal, não se pode menosprezar o momento de mudanças estruturais e culturais vivenciadas no decorrer do século XX, vistas com desconfiança e com temor pelos grupos de poder. Estes, em sua maioria, se não exclusivamente, foram constituídos por homens. A discussão sobre o cânone, ou seja, o que deve ou não ser reconhecido em meio à revolução política instaurada nesse período- de intensa produção de Eneida, juntamente com os movimentos sociais - trouxe como consequência outros debates, dentre eles, o impacto do feminismo.

Esse movimento desestabilizou o *modus vivendi* da sociedade como um todo, por germinar outras formas de interpretação da ação feminina até então ignorada. A luta encampada pelos feminismos, conjugada à luta por democracia, num período de autoritarismo representaram ainda implicações nos meios de comunicação, já que estes eram cerceados pelos aparelhos repressores do Estado. Todos esses fatores compunham o cenário do fazer literário/jornalístico de Eneida de Moraes e, conseqüentemente, as perseguições sofridas por ela.

E, na tentativa de querer traduzir Eneida em seu trânsito pelo século XX como uma representante da Amazônia- seu lugar inicial de fala- até seu deslocamento para outros espaços, principalmente no Rio de Janeiro quando atuou em várias frentes de luta, como escritora, militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), jornalista e pesquisadora, foi necessário coletar dados tanto em materiais bibliográficos quanto os disponíveis na internet, em sebos no Rio de Janeiro, além de visitas a museu, biblioteca nacional e escuta atenta das pessoas que a conheceram, a exemplo do prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro

## 2 EM CENA: ENEIDA DE MORAES

Figura 1: Eneida.



Fonte: Eneida, colagem Ney Ferraz Paiva, 2020

Eneida de Moraes (1904 – 1971) foi uma escritora, militante política e jornalista que, por seus artigos políticos, foi presa 11 vezes durante os oito anos de Estado Novo. Considerada uma das maiores personalidades culturais e políticas do Pará, Eneida participou ativamente do movimento modernista em Belém. Depois, viveu no Rio e em São Paulo, onde, ao entrar em contato com as teorias de Marx, Engels, Bukarin e Lênin, entre outros, tornou-se comunista e ingressou no Partido Comunista do Brasil. Era 1932, ano em que foi presa pela primeira vez e, desde então, decidiu assinar seus textos apenas com o primeiro nome, para que, segundo ela, ninguém responsabilizasse "nem o pai nem o marido pelos delitos que cometesse".

Em 1936 foi presa novamente no Rio e passou um ano e meio na Casa de Detenção, onde liderou greves contra maus-tratos, sendo companheira de cela de Maria Werneck e Olga Benário. Eneida também levou sua luta política para o exterior, quando morou em Paris, foi informante de brasileiros pelo Partido Comunista, e proferiu quatro conferências sobre literatura na China, representando a União Brasileira dos Escritores (UBE).

Depois de tantas prisões durante o Estado Novo, dedicou-se nos anos 1940 à literatura e ao jornalismo e viajou à Europa e à União Soviética, onde representou a UBE num congresso de literatos. Em 1971, fundou em Belém, o Museu Paraense da Imagem e do Som. (Memorial da Democracia).

A escolha pela literatura de Eneida de Moraes como objeto de pesquisa propõe ressignificar à historiografia literária para compreender elementos de ordem testemunhal, na obra da referida escritora, que permitirá não apenas compreender os processos de luta empreendidos pelas mulheres no século XX, como também localizá-la enquanto personagem e ativista nos movimentos femininos e feministas de época, quando aconteceu sua inserção no campo cultural.

Esse fato remete ao pensamento de Culler (1999, p. 29) ao afirmar que a “[...] literatura é uma instituição paradoxal porque criar literatura é escrever de acordo com fórmulas existentes, mas é também zombar dessas convenções, ir além delas”. Para analisar as convenções a que Culler (1999) se refere e, também, as prisões tanto físicas quanto psicológicas, assim como culturais, vividas por Eneida de Moraes foram selecionados trechos extraídos das crônicas: *Promessa em Azul e Branco* (1989), *Companheiras* (1989) e *Baile dos Pierrôs* (não publicado)).

Nessas narrativas será possível escutar a voz de Eneida de Moraes, como uma experimentada repórter, contando o que viveu, presenciou, simultaneamente, revelando cenas da sua vida atuando/intervindo naquele cotidiano. Oportunidade também para o (a) leitor(a) dos seus textos adentrarem em temas polêmicos para a época e ainda não resolvidos, por isso em discussão na contemporaneidade, a exemplo das relações entre homens e mulheres numa sociedade marcada por desigualdades, presente em *Promessas em Azul e Branco* (1989):

[...] Foi uma promessa. Seu pai andou mal, muito mal, quase morria e sua avó fez uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré: se ele sarasse, se vivesse, você, que acabava de nascer – vestiria até os quinze anos [...] (MORAES, 1989, p.31)

[...] A meninazinha que encontrei desesperada em frente daquela vitrina não querendo aquele vestido que sua mãe lhe impunha, onde estará agora? Vestida naquela roupa que odiou antes de possuir? (MORAES, 1989, p.38)

No texto *Companheiras* (1989) percebe-se os desdobramentos dos movimentos feministas pela inserção das mulheres no campo político e de novas escolhas de identidades. Esse processo de criação literária de Eneida de Moraes, ao descortinar contextos políticos-históricos-culturais em sua escrita, possibilita aos leitores das gerações seguintes a dela, entender o desafio das lutas das mulheres pela inserção de uma escrita, de uma voz, de uma escolha no século XX, sob a percepção feminina e não mais pelas lentes de um sistema patriarcalista dominante, as violências institucionalizadas vividas pelas presas políticas, no governo de Getúlio Vargas:

Contou com voz firme o quanto sofrera. A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios (MORAES,1989, p.136).

O estilo de escrita das narrativas de Eneida é direcionado para um leitor participativo/colaborativo; este, à medida em que avança na leitura dos textos da escritora, também pesquisa em outras fontes bibliográficas, eletrônicas, em narrativas orais – sobre a época a que ela se refere, para interferir, para alcançar os sentidos propostos e, com isso, produzir um posicionamento a partir da força do testemunho presente nos textos.

Depreende-se também esse testemunho veiculado como estratégia de denúncia e resistência na crônica *Baile dos Pierrôs* (não publicada oficialmente), assim como o evento Baile dos Pierrôs (1958- 1968), que traduzem o amadurecimento da jornalista paraense em sua forma de resistir à situação política da época, de interpretar sobre as relações humanas, sobre os medos, e incertezas presentes nas situações comunicativas de uma década pós-guerra.

[...] O primeiro baile dos pierrôs foi no “Au Bom Gourmet”, em 1958. Sucesso espetacular. Realmente de escritores e artistas. Depois do primeiro, o segundo também no “Au Bom Gourmet”, o terceiro, até o décimo quando o baile morreu. O último foi em 1968, na Sucata (MILLIET,2020, s/p).

O trecho acima demonstra e ressalta a capacidade que a escritora possui de selecionar, de escolher a palavra certa, com poucas palavras para esclarecer, para denunciar todo o terror que assombrava a vida de jornalistas e de escritores com a chegada do Ato Institucional No.5. Vale lembrar que, o AI-5, assinado em dezembro de 1968 durante o governo do general Costa e Silva determinou o momento mais duro do regime militar por punir de forma arbitrária a todos os que fossem contrários ao regime vigente.

### 3 A ESCRITA DE TEOR TESTEMUNHAL

Nos estudos literários da atualidade, há dois campos de pesquisa para problematizar, que discutem e analisam a produção literária: a literatura de testemunho e a literatura de resistência. Em relação à primeira corrente, referem-se às teorias de Salgueiro (2011) que destaca o papel da testemunha, na produção do texto - “[...] é a pessoa que relata, depõe, documenta, registra. A testemunha é uma pessoa”. Logo se deduz que, em qualquer relato de testemunho, emergem emoções, sentimentos, frustrações às crenças que influenciam a personalidade da testemunha.

Em relação ao papel do narrador, no referido relato, Salgueiro (2011) ressalta a importância da memória, das lembranças, pois, em relação a fatos originados das catástrofes, dos holocaustos, é preciso lembrar e nunca esquecer, com os mais variados propósitos: de solidariedade com os companheiros, de responsabilidade, ou até mesmo com o desejo de que fatos tristes, traumatizantes que nunca mais se repitam.

As ideias de Salgueiro se aproximam do pensamento de Agamben (2008), pois o escritor discute a figura da testemunha, lembrando que, nos relatos de testemunho, podem emergir vários sentimentos, como: a vingança em relação aos algozes ou ainda a vergonha de ter escapado do campo de concentração, enquanto os companheiros perderam a vida.

O outro campo de estudo, que se junta à literatura de testemunho, é a arte de resistência que, segundo Bosi (2002) é uma corrente que se opõe a forças alheias, dentro de uma sociedade. Essas forças alheias ferem o bem-estar da comunidade e, por isso, devem ser combatidas. Isso faz com que, dentro do espaço textual, apareçam denúncias, chamadas de atenção para tudo que está tensionando os grupos sociais.

Quando o sujeito toma consciência dos fatos aversivos, polêmicos, sai do estado de alienação e desperta para a vida, é então que começa o processo de resistência, de oposição a tudo que o está imprimindo.

O pensamento de Bosi (2002) se aproxima das ideias de Sarmiento-Pantoja (2014), quando fala do estatuto do narrador, nos textos de resistência, pois o caracteriza como uma pessoa que está interessada em desvelar o mundiais olhos dos homens, membros de uma sociedade. Isso vem confirmar a presença do testemunho e da resistência, no contexto de muitas narrativas e é o que se observa nas crônicas de Eneida - denúncia e oposição a fatos políticos e sociais da sociedade do século XIX.

No testemunho, a linguagem está em processo e em julgamento, ela não possui a si mesma como uma conclusão, como constatação de um veredicto ou como saber em si transparente. O testemunho é, em outras palavras, uma prática discursiva, em oposição à pura teoria.

A literatura testemunhal nas crônicas ou nas pesquisas de Eneida tem a responsabilidade de trazer à discussão temas de diferentes áreas do conhecimento e colocá-los em circulação. Tal empreendimento se alimenta da construção de narrativas de tom ficcional ou capturadas do cotidiano com homens e mulheres em suas práticas relacionais.

Eneida embala seus leitores(as) com criativos projetos textuais, apropriando-se de um recorte histórico de épocas anteriores, a exemplo da escrita da crônica *Companheiras* (1989). Também, ressalta-se um movimento cultural, a exemplo do carnaval apresentado pela escritora em sua obra **História do Carnaval Carioca** (1957), um acontecimento inspirador de debates por trazer à tona a força da origem dos elementos constituintes da festa popular, com toda a sua diversidade cultural.

Essa dinâmica do fazer literário atravessa gerações e vai imprimindo novos estilos, de acordo com a forma com que são tecidas as ideias no corpo textual. Então, a partir desse processo de criação, a escritora segue influenciando comportamentos, constituindo identidades, assentando posturas e novos gestos na recepção desses conteúdos pelos interlocutores.

Pela ação provocada por esses conteúdos nos sujeitos de um corpo social, durante o processo de recepção dos textos e quando da internalização de novos aprendizados, ocorrerá naturalmente a transformação nos discursos circundantes. Esse fato desencadeará o desabrochar de um discurso político. Logo:

[...] A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gênero do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). [...].  
(BAKHTIN, 1997, p. 281)

Tal reflexão surge da influência exercida por algumas obras literárias que atravessam gerações e permanecem instigando seus leitores pelo estilo da escrita e pela atuação das personagens, tornando-as atemporais a exemplo de:

- Jane Austen (1775-1817), romancista inglesa que projeta os valores conservadores de uma época para o seu romance *Emma*, personagem heroína dotada de cerca de 30 mil libras (uma quantia imensamente alta para os valores atuais) e ao se casar com o Sr. Knightley, o dinheiro passa a ser dele, sem que haja questionamentos.

- Marilene Felinto e a protagonista do seu conto *Muslim: woman* (1991) que narra a história de duas mulheres: uma ocidental e outra oriental – colocando em evidência as diferenças culturais e a condição feminina.

- Virgínia Woolf (1882-1941) e seu fluxo de consciência na tão complexa elaboração da personagem central Orlando, da obra de mesmo nome, cujo sexo vai mudando no decorrer de sua vida interminável. Obra que evidencia o relacionamento homoafetivo da escritora com Vita Sackville-West.

· Conceição Evaristo e a escuta às mulheres na coletânea **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016), uma narradora que visita cidades em busca de histórias e se encontra com as personagens que aceitam se contar.

· Maria Lúcia Medeiros em **Zeus ou a menina e os óculos** (1988), com a sua menina em trânsito pelos contos da autora, influenciada pelas agitações da década de 1970, descortinando possibilidades de transgressões femininas, numa sociedade pensada para o privilégio masculino.

· Paulina Chiziane, primeira romancista de Moçambique, na obra **Niketche: uma história de poligamia** (2004), presenteia o público leitor com a personagem Rami, narrando em 1ª pessoa sobre os rituais de passagem das mulheres na cultura da sociedade moçambicana.

· Eneida de Moraes, impregna seus textos de faticidade, ao revesti-los de experiências vividas, visto que a autora é também personagem em diálogo com outras mulheres. Isso num período marcado por profundas transformações em todos os campos de saberes que se espraiam por entre movimentos e documentam práticas de barbárie de um sistema dominante e opressor sobre as mulheres

Esse breve passeio pela produção literária de algumas mulheres tornou-se necessário para evidenciar a escrita feminina presente e, também, responsável pela mudança de curso da história e pela alteração dos discursos em sociedade. Mas, para ganharem visibilidade na esfera social e a dignidade nos espaços públicos, muitas etapas precisaram ser vencidas.

Sua escrita, ou parte dela, apresenta os desafios, as consequências e os avanços por uma política de reconhecimento e de resistência feminina, através das 'escrevivências' de Eneida de Moraes.

'Escrevivência' – termo cunhado por Conceição Evaristo – porque é a escrita do que viveu, por isso, os referidos textos são analisados pela lógica teórica da literatura de testemunho e o quanto esse gênero literário suscita um estudo detalhado que, proporcionará, assim, uma melhor interpretação dos textos de Eneida de Moraes, influenciada pelo final do século XIX e a primeira década do novo século, inicialmente, e depois, durante as lutas do século XX.

Ainda, por meio de seus textos, a escritora dará visibilidade ao contexto a que estavam inseridas – ela e suas companheiras – e ainda, pela leitura dos cenários, leitores e leitoras aprenderem quão doloroso foram os processos para construção e para a legitimação de identidades femininas, iniciados em épocas anteriores, porém silenciados.

O diferencial da narrativa de testemunho de Eneida de Moraes está no fato de se perceber em missão, ou seja, ao se contar, comunica e ao comunicar, cumpre um dever que ela tem com as mulheres, de um modo geral, e com ela em específico: de enunciar o anseio de pessoas historicamente abandonadas e suprimidas, em seus direitos humanos, e esquecidas porque são vistas como subalternas pelo olhar hegemônico do patriarcado.

Como autora e personagem fala do que viu e viveu, e o quanto a sua formação intelectual colaborou para organizar estratégias de luta, assim como essa mesma formação provocou a ira do sistema, visto que o ato de contar e se contar legitima um lugar de respeito pela crítica literária que a partir do surgimento dos movimentos emergentes do século XX, passa a “escutar” a poética da alteridade – ponto central das revoluções ocorridas.

Outro aspecto relevante para interpretar os textos de Eneida foram as consequências advindas do seu testemunho e as experiências sofridas pela exposição da sua vida, em meio a um cenário de valores, marcadamente preconceituosos, quanto à atuação das mulheres, visto que a docilidade e a disciplina eram valorizadas e incentivadas na educação de mulheres à época da escrita.

Essa escrita de si, bem como o testemunho de quem viveu a experiência do que documentou, traz um diferencial para a construção das subjetividades porque sendo o sujeito, autor, narrador e personagem, é escrita que conta e se conta, e, nesse processo, educa o leitor e a leitora do seu texto a fazer o mesmo e, com essa prática, se sentir parte de um corpo social.

A produção literária feminina, mediada pelo testemunho, também apresenta um caráter de denúncia, além de político, ao buscar formas de expressão e romper com o silêncio dos que não puderam falar, como se observa no diário da, então adolescente, Anne Frank.

O Diário de Anne Frank, publicado pela primeira vez em 1947, faz parte do cânone literário do holocausto. A obra não é apenas um recorte de fato histórico, ocorrido em plena Segunda Guerra Mundial, mas, uma narrativa que revela as relações de poder, por meio de episódios de abuso e violências, ao relatar as vivências das pessoas sob a constante ameaça da morte e sua vida pessoal sobre este terrível confronto bélico.

Como é possível observar, a escrita feminina encontra na literatura, o lugar de fala para expressar posicionamentos, para ouvir as vozes interdidas, para identificar os anseios dos sujeitos silenciados, como também veicular as conquistas e o porquê das lutas por seus direitos, Ribeiro (2017, p. 58 – grifos da autora) esclarece:

[...] sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal ‘ponto de vista feminista’ [...]. [...] como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. [...] questionando quem pode falar.

Também esse debate se configura como preocupação para a crítica literária que segundo Gayatri Spivak (2010, p.12):

[...] desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma [...] [...] é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado. Sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. (SPIVAK, 2010, p.12)

Daí a relevância intelectual e política da produção literária de mulheres ao criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionamentos representacionais, além de elaborar seu lugar de enunciação, ao considerar que “[...] o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, segundo Spivak (2010, p.12).

Percebe-se que as narrativas de testemunho, histórias de vida e autobiografias vêm ocupando um lugar significativo no campo literário. Por isso, alguns críticos concentram especial atenção aos estudos sobre esse gênero, provocando reflexões acerca do assunto.

É importante salientar que a maioria das tentativas de conceituação por parte dos teóricos tem como aparato, os contextos daqueles que são testemunha – a pessoa que viveu a experiência, ao mesmo tempo em que utilizam o testemunho – o relato, o depoimento, o registro (oral ou escrito).

Na pesquisa de Salgueiro (2012) a testemunha é a pessoa; “testemunho” é o relato, o depoimento, o registro (escrito, oral, pictórico, fílmico, em quadrinho etc.). A testemunha, por excelência, é aquela que viveu a experiência, é um *superstis* (*supersts*) – sobrevivente. Há, naturalmente, outros graus de testemunha: há os *testis*, que se opõem como *terstis* (terceiro) – que presenciou, que viu, que testemunhou.

Seligmann (2005) diz que nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o “teor testemunhal” que marca toda obra literária, mas que se aprende a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e na escritura do século XX. O conceito de testemunho concentra em si uma série de questões que sempre polarizaram a reflexão sobre a literatura: antes de qualquer coisa, ele põe em questão as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo.

E mais: o testemunho aporta uma ética da escritura. A partir desse pressuposto, atualmente, considerado banal, não existe “grau zero da escritura”, ou seja, a literatura está ali, onde o sujeito se manifesta na narrativa. Nesse sentido, não se pode deixar de reconhecer que, por outro lado, o histórico que está na base do testemunho exige uma visão “referencial”, que não reduza o “real” à sua “ficção” literária. Quer dizer o testemunho impõe uma crítica da postura que reduz o mundo ao verbo, assim como solicita uma reflexão sobre os limites e modos de representação.

O conceito de testemunho tornou-se uma peça central na teoria literária nas últimas décadas, devido à sua capacidade de responder às novas questões (postas também pelos estudos Pós-coloniais) de se pensar um espaço para a escuta (e leitura) da voz (e escritura) daqueles que antes não tinham direito a ela. Tal conceito também tem um papel central nos estudos de literaturas de minorias. É possível, de resto, estabelecer uma relação de proximidade entre tal conceito e o de “minorização”, desenvolvido nos Estudos Culturais, a partir da noção de *littérature mineure*, de Deleuze e Guattari (1975).

Sarlo (2007), partindo do ponto de vista de que a contemporaneidade privilegia o subjetivo, destaca que, nesse contexto, a narrativa de testemunho, além de adquirir um estatuto nunca antes alcançado em termos de reordenação do passado, no que diz respeito às reconstituições das décadas de 1960 e 1970, tende a se concentrar nos direitos e na verdade, provenientes dos processos de subjetivação.

Assim, de fato, o imperativo da verdade torna-se cúmplice da hipótese fundamental levantada por Sarlo (2007): a de que as reconstituições se tornam mais dignas de compreensão de um determinado tempo, quando colocadas sob o foco da racionalização. Afinal, não são os fatos testemunhados que devem falar por si, mas os processos, as relações, enfim, as engrenagens inerentes ao testemunho enquanto discurso.

Nesse livro, pontua Sarlo (2007, p.19) que se “[...] trata do passado e da memória das últimas décadas. Reage não aos usos jurídicos e morais do testemunho, mas a seus outros usos públicos”. Um período marcado por duas grandes guerras mundiais como foi o século XX revela, no seu percurso, inquietações que expressam as questões sociais, despertam subjetividades, questionam o sistema vigente e acontecem rupturas de paradigmas.

Toda essa dinâmica de eventos impactantes influenciam a linguagem e inscrevem novas formações discursivas porque os lugares de enunciação são outros e, por isso, obriga os sujeitos sociais a novas formas de representação da realidade. As condições históricas favorecem o surgimento de narrativas de caráter testemunhal, ou de teor testemunhal, produzindo essas diferentes formas de narrar uma fronteira entre a ficção e a realidade, a ficção e a história, o literário e o não literário.

Ante a dificuldade de conceituação desse gênero emergente, surge a necessidade de entrecruzar o posicionamento desses teóricos na produção literária de Eneida de Moraes. No decorrer da leitura é possível apreender os componentes a que Salgueiro (2012) destaca, como a figura de Eneida de Moraes como representação da sobrevivente de uma época (início do século XX), que viu e testemunhou um fato motivador de reflexões literárias e históricas.

Esses elementos são contemplados pelo teor testemunhal a que Seligmann-Silva e Netrovski (2005) se referem em seus estudos, ao reiterar o quanto esse teor produzirá discussões entre os críticos literários, visto ser a escritora Eneida de Moraes personagem e narradora de um acontecimento experienciado pelo movimento do cotidiano a que ela é parte, e documentado pela sua escrita.

Deleuze e Guattari (1975) confirmam tal discussão ao abordarem acerca da necessidade de escuta (leitura) da voz (escritura) das mulheres, vistas como grupo pertencente às minorias. E, se o caráter testemunhal é o elemento mediador do discurso do texto literário de Eneida de Moraes, este partirá da reconstituição de um tempo, cujo exercício da memória referenciará uma compreensão sob que engrenagens se sustentavam as relações humanas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira prova de resistência de Eneida levada ao último suspiro foi como mãe, desquitada, fato esse de perda de identidade social, porque era uma condição execrável para a sociedade de sua época, quando precisou sair de sua terra natal quase que clandestinamente. Essa posição de 'mulher desquitada' significava extinguir as obrigações conjugais, mas não extinção do vínculo matrimonial, visto que o divórcio somente foi criado em 1977. Sobre isso, Veloso Leão (1973, p.21) comenta: "E numa noite escura do agitado ano de 1930... com pinceladas pretas de tragédias na minha vida, dizia Eneida, partindo para o Rio, fugindo de seu amor feliz, que não era mais alegre, romântico e poético como as crianças e as flores [...]".

A segunda prova de resistência de Eneida, como militante do PCB, provou do gosto amargo das consequências que viriam após a decisão de ser simplesmente Eneida. Visto que, abrir mão da maternidade, para viver o Partido, estudar o Partido, ser a voz do Partido, fez dela uma pessoa non grata à sociedade paraense da época, além de ser perseguida a partir de 1932, quando adotou a cédula do PCB. Daí em diante, sua trajetória como ativista política utilizou-se da escrita com valor testemunhal, para mais uma vez legitimar a resistência de sua atuação como uma mulher combatente.

Em momento algum constata-se na escrita de Eneida, elementos de luta com pessoas específicas, ou seja, em luta de fórum pessoal, o que poderia tornar-se contraditório, por ser testemunhal. O que se observa em seu testemunho é a rebeldia da escritora em relação a um sistema opressor que subordinava pessoas e grupos a tal sistema.

O ângulo de visão de Eneida é de uma mulher que amadureceu conjugando as funções de escritora, de jornalista, de pesquisadora cultural, numa época de profundas mudanças de mentalidade, fato esse que avivou nela o seu sentido de pertencimento, de responsabilidade com a história que estava acontecendo e pela qual também estava lutando.

A narrativa testemunhal de Eneida, sem máscaras e sem mordanças, surge para os leitores(as) do século XXI como uma fagulha de esperança para um país que conseguiu se impor pelo desenvolvimento político, histórico, e social a partir de lutas, de perdas, de exílios.

Essa escrita de si, bem como o testemunho de quem viveu a experiência do que documentou, como ocorreu com Eneida, revela um diferencial para a construção das subjetividades futuras, porque sendo o sujeito, autor, narrador e personagem, estes contam e se contam, e, nesse processo, educa o leitor e a leitora do seu texto a pensar as suas narrativas como parte da memória nacional, além de, com essa postura provocar o interlocutor(a) a intervir na história, sempre que necessário, em favor de uma causa coletiva de responsabilidade social, bem como interpretar o tecido literário como lugar de posicionamentos.

#### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. 1ª. Edição. Editora Beca, 1999.

MARTINS, P. C. de M. **Práticas e representações femininas do catolicismo à cultura letrada: o modelo civilizatório europeu sobre o Brasil, no início do século XX**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MILLIET FILHO, Raul. Os caminhos de Eneida. In: **Deixa Falar: Criação e Edição** de Raul Milliet Filho. Disponível em: <https://www.deixafalarmegafone.com.br/post/os-caminhos-de-eneida>. Acesso em: 26 nov. 2022

MORAES, Eneida de. Aruanda; **Banho de Cheiro**. 2ª ed. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento- Justificando, 2017.

SALGUEIRO, Gilberto (Org.). **O testemunho na literatura:** representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória: Edufes, 2011

SARMENTO-PANTOJA, Augusto; UMBACH, Rosani; SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Orgs.). **Estudos de literatura e resistência**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014

SARLO, B. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN, Márcio Silva. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**. 2005 Disponível em: <https://www.researchgate.net/journal/Projeto-Historia-Revista-do-Programa-de-Estudos-Pos-Graduados-em-Historia-2176-2767>. Acesso em 25nov.2022

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VELOSO LEÃO. **Eneida...Simplesmente Eneida** (Ensaio Bio-Bibliográfico) Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

**Artigo recebido em: 29 nov. 2022. | Artigo aprovado em: 12 dez. 2022.**